

## **Capitalismo e esquizofrenia... e paranoia: o duplo movimento em Deleuze & Guattari: rumo ao esquizo-comunismo**

### **Capitalism and Schizophrenia... and Paranoia: The Double Movement in Deleuze & Guattari – Towards Schizo-Communism**

ÉMERSON PIROLA<sup>1</sup>

**Resumo:** Contrariando leitura de Deleuze & Guattari que identifica esquizofrenia e capitalismo, propomos trazer à baila a centralidade, para o funcionamento da máquina capitalista, da paranoia. Embora o capitalismo dependa da esquizofrenia, seu movimento fundamental é o de reterritorialização paranoica, o que se reflete tanto em termos de “costumes” tradicionais quanto na privatização da produção socializada, na transformação da produção pela produção em produção para o capital. Propomos, para analisar essa relação, a categoria de duplo movimento, que é o que dá as condições do capitalismo manter-se dentro de seus limites, se aproximando ao máximo deles sem nunca os ultrapassar. Por fim, propomos o conceito de esquizo-comunismo como uma via possível de ultrapassagem do paranoico-capitalismo.

**Palavras-chave:** esquizofrenia; paranoia; duplo movimento.

**Abstract:** Challenging the reading of Deleuze & Guattari that identifies schizophrenia with capitalism, we propose to highlight the centrality of paranoia in the functioning of the capitalist machine. Although capitalism depends on schizophrenia, its fundamental movement is one of paranoiac reterritorialization—reflected both in the preservation of traditional “customs” and in the privatization of socialized production, that is, in the transformation of production for the sake of production into production for capital. To analyze this relationship, we propose the category of double movement, which accounts for capitalism's ability to sustain itself within its own limits, approaching them as closely as possible without ever crossing them. Finally, we introduce the concept of schizo-communism as a possible path for overcoming paranoiac capitalism.

**Key-words:** schizophrenia; paranoia; double movement.

## **Introdução**

O que querem dizer os termos esquizofrenia e paranoia na análise e na crítica social, política e libidinal operada por Deleuze & Guattari diante do capitalismo e seu desenvolvimento? Como esquizofrenia e paranoia se relacionam, se diferenciam e se opõem na máquina capitalista? Parte fundamental de nossa

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela PUCRS. Pesquisa filosofia política e crítica filosófica da economia política e libidinal a partir dos marxismos dissidentes, da filosofia francesa contemporânea e do (pós-)operaísmo. Contato: [emerson.pirola@acad.pucrs.br](mailto:emerson.pirola@acad.pucrs.br)

empreitada é demonstrar o quão central é a noção de paranoia para o bom entendimento do funcionamento do capitalismo: ela é tão ou mais importante quanto a de esquizofrenia, sendo ambas essenciais à reprodução do modo de produção capitalista, da máquina social capitalista. O presente artigo pretende esclarecer essa relação fazendo recurso à noção de duplo movimento, termo pelo qual Deleuze & Guattari referem o fato de que todo movimento de desterritorialização e descodificação, de ‘liberalização’ dos fluxos sócio-desejantes, é sempre pareado por um movimento de reterritorialização, de regulação, de recodificação. É esse duplo movimento, radical e perigoso, o que permite ao capitalismo avançar o máximo possível sobre os limites da liberalização, onde cada vez mais a realidade é abarcada pelos movimentos do mercado e do dinheiro, pela lógica da mercadoria (como Marx e Polanyi, dentre tantos outros, já haviam percebido), fazendo com que os costumes e as tradições se desfaçam, ao mesmo tempo em que nunca se ultrapassam os limites absolutos, que fariam com que o capitalismo se tornasse insustentável. O limite é aproximado e jogado adiante, no combo balanceado, que mantém uma situação de crise constante, entre desterritorialização e reterritorialização, liberalização e costume ou tradição.

359

Começamos o artigo explicando a origem e o sentido próprio dos termos esquizofrenia e paranoia na obra de Deleuze & Guattari, para então esclarecer sobre a articulação e o funcionamento do duplo movimento já referido. Depois de explanar sobre a natureza da ‘filosofia dos limites’ que a dupla de franceses resgata de Marx, terminamos por propor uma noção própria, a de ‘esquizo-comunismo’, que seria o resultado possível, à esquerda e desde baixo, de um movimento ‘aceleracionista’ de afirmação dos fluxos e do movimento esquizo, que passaria por fora da reterritorialização paranoica própria ao regime capitalista, que funciona por reterritorializar de modo privado (propriedade privada e produção para o capital) a produção socializada (desterritorializada) liberada pelo e no capitalismo. O par mercado-dinheiro, desse modo, teria um potencial desterritorializador que não deve ser confundido com sua captura e sua determinação pelos fins privatizantes da lógica capitalista.

## 1. Capitalismo e esquizofrenia

O *anti-Édipo* (1972) e *Mil Platôs* (1980), obras de Deleuze & Guattari que criaram escola na análise sócio-política, abrindo uma via sui generis da teoria crítica, são ambos subtitulados *Capitalismo e esquizofrenia*. Como o subtítulo do díptico indica, há uma relação fundamental entre capitalismo e esquizofrenia. Todo o desenvolvimento do capitalismo seria intimamente correlato dessa dimensão fundamentalmente esquizoide em que, como constataram Marx & Engels, “tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar” (Marx & Engels, 2002, p. 43). O que quer dizer ‘esquizofrenia’, portanto? O conceito é primeiramente sócio-econômico, e até cósmico, e apenas em um segundo sentido, subordinado, ele refere à ‘patologia mental’ que recebe o mesmo nome. Além disso, como Deleuze & Guattari (2010) insistem, a esquizofrenia como processo deve ser separada do esquizofrênico de asilo, que é apenas um indício desse processo e, na verdade, de sua parada forçada, de sua restrição. Holland (2024, p. 64) nos ajuda a entender o sentido e a importância que o conceito recebe na obra dos autores:

O conceito de esquizofrenia [...] é criado através da extração de características selecionadas de um estado de coisas histórico caracterizado pela expansão do mercado mundial, a subversão do significado pela axiomatização, e as perspectivas resultantes para uma ‘semiose infinita’ radicalmente livre em jogo ao longo de toda a sociedade.

360

Desse modo, a esquizofrenia possui uma intimidade com o capital na medida em que os dois tendem à descodificação e à desterritorialização (em que o dinheiro possui um papel central):

a relação capitalismo/esquizofrenia. O fundamento de sua relação se encontra em algo comum a ambos. É a comunidade — e quiçá é uma comunidade que nunca se realiza, que não toma uma figura concreta — em torno a um princípio todavia abstrato: constantemente ambos fazem passar, emitem, interceptam, concentram fluxos descodificados e desterritorializados. Esta é sua profunda identidade (Deleuze, 2021, p. 27).

Como “a esquizofrenia é”, também, “o processo da produção do desejo e das máquinas desejantes” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 41), o modo fundamental de conexão, registro e consumo do desejo, se explica como o capitalismo é uma

máquina que se alimenta de desejo, que se constrói sobre o desejo, e que até o fomenta. O capitalismo precisa do processo esquizo como precisa do desejo.

O capitalismo promove a esquizofrenia, em resumo, porque os cálculos quantitativos do mercado substituem o significado e os sistemas de crenças como fundamento da sociedade. [...] A esquizofrenia constitui uma tendência objetiva da sociedade capitalista e de seu desenvolvimento histórico. Toda extensão do capital – tanto geográfica (imperialismo) quanto psicológica (marketing) – acarreta a eliminação simultânea de significados e crenças existentes e, portanto, a extensão da esquizofrenia: ‘tudo o que é sólido se desmancha no ar’, como disse Marx (Holland, 1999, p. 2).

## 2. Da esquizofrenia à paranoia

Entretanto, o capitalismo só é bem compreendido quando remetemos a uma categoria oposta à de esquizofrenia: a paranoia, tão ou mais importante no processo do capital. Cada conceito, esquizofrenia e paranoia, constitui uma tendência ou polo de investimento libidinal da sociedade capitalista:

trata-se de distinguir dois modos de investimento do desejo. O primeiro investe o limite por ele mesmo (paranoia) para dele fazer a lei à qual as potências devem se submeter, tanto as dele quanto as dos outros; o segundo investe a potência por ela mesma (processo esquizo) sem considerar limites fixados pela lei (Lapoujade, 2015, p. 187).

“O paranoico é o guardião dos limites” (Lapoujade, 2015, p. 186). Desse modo, “apesar de suas origens psicológicas, os termos ‘paranoia’ e ‘esquizofrenia’ para Deleuze e Guattari designam efeitos dos princípios e dinâmicas organizacionais fundamentais da sociedade capitalista” (Holland, 1999, p. 3).

Assim, embora o capitalismo necessite da esquizofrenia, ela é exatamente aquilo que tem a capacidade, a tendência, a natureza, de ultrapassar os seus limites. É por isso que a paranoia é a tendência contrária, que impede que o processo esquizo ultrapasse os limites do capital. Desse modo, o capitalismo “produz uma formidável carga esquizofrênica sobre a qual ele faz incidir todo o peso de sua repressão” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 52), de sua paranoia. A esquizofrenia tem um caráter revolucionário, e a paranoia um caráter reacionário, e é a segunda a que

mantém o capitalismo, mesmo se ele não possa passar sem a primeira. Por isso, essa é nossa tese, é a paranoia, não a esquizofrenia, que melhor caracteriza o capital e o capitalismo. Apesar de haver leitura em contrário, à direita e à esquerda, Deleuze & Guattari (2010, p. 325. Grifo no original) são enfáticos sobre esse ponto: “Seria um grande erro identificar os fluxos capitalistas e os fluxos esquizofrênicos, sob o tema geral de uma descodificação dos fluxos de desejo”. Entre os capitalistas e os esquizos, ou entre o regime da máquina social (capitalista) e o regime da máquina desejante, há uma “intimidade fundamental no nível da descodificação”, mas uma “hostilidade fundamental no nível da axiomática” (Sibertin-Blanc, 2022, p. 108).

O dinheiro, e os movimentos do capital, são um mecanismo essencial em que se desenrolam essas duas tendências: “o dinheiro é um dos principais veículos através dos quais as tendências contrapontuais mais profundas que Deleuze & Guattari discernem dentro do capitalismo se manifestam” (Dodd, 2014, p. 228). Em certo sentido, a descodificação e a desterritorialização do e pelo dinheiro constituem face fundamental do processo esquizo. Como Marx colocava, “a avidez por dinheiro e a mania de enriquecimento são necessariamente o ocaso das antigas comunidades. Daí a oposição ao dinheiro. O próprio dinheiro é a comunidade, e não pode tolerar nenhuma outra superior a ele” (Marx, 2011, p. 166. Grifo no original). Viana (Viana, 2019, p. 419) comenta como a moeda é um “objeto liberatório”, no sentido em que a sua aceitabilidade está relacionada com a liberação de vínculos e de obrigações. O dinheiro é ou faz uma espécie de “comunidade esquizo”. Entretanto, a paranoia lhe é imanente tanto quanto a esquizofrenia, e se dá sobretudo pela acumulação privada de capital: “a paranoia aparece como uma formação reativa derivada da privatização forçada da ‘atividade produtiva em geral, tanto na economia quanto na vida familiar’ (Holland, 1999, p. 21). Além disso, como já notara Keynes, podemos dizer que é um elemento de paranoia a “preferência pela liquidez”, a tendência ao entesouramento, a “segurança” que impede o gasto e o investimento:

Dado que o sentido da produção social em uma economia capitalista é a acumulação de riqueza monetária, o dinheiro funciona como estímulo e como obstáculo, pois os capitalistas

podem preferir se refugiar na riqueza já acumulada, evitando o risco de iliquidez (Belluzzo; Galípolo, 2021, p. 117).

A paranoia faz parte imanente do capital, tanto quanto a esquizofrenia, em parte pois os movimentos de desterritorialização e reterritorialização não podem ser totalmente separados: “esses termos expressam uma distinção analítica entre dois ‘momentos’ de um único processo [...] que, praticamente falando, ocorrem simultaneamente” (Holland, 1999, p. 80). “No limite, é impossível distinguir a desterritorialização e a reterritorialização, que estão presas uma na outra ou são como o avesso e o direito de um mesmo processo” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 343). A melhor formulação sobre o tipo dessa relação de complementariedade é dada por Guattari:

Desde tempos imemoriais, e qualquer que seja a desventura histórica, a pulsão capitalista sempre combinou dois componentes fundamentais: o primeiro, que chamo de desterritorialização, tem a ver com a destruição de territórios sociais, identidades coletivas e sistemas de valores tradicionais; o segundo, que chamo de movimento de reterritorialização, tem a ver com a recomposição, mesmo pelos meios mais artificiais, de enquadramentos personologicamente individualizados, esquemas de poder e modelos de submissão que são, senão formalmente semelhantes aos que essa pulsão [desterritorializante] tem destruído, pelo menos homotético de uma perspectiva funcional (Guattari, 1996, p. 110).

363

Entretanto, a complementariedade pode ser sobredeterminada por uma alternância:

a simultaneidade dos dois momentos não exclui a possibilidade de que um ou outro predomine em determinado período histórico, ou que tal predominância se alterne periodicamente ao longo dos ciclos econômicos; a década de 1960 pode representar um momento de predominância de desterritorialização e decodificação, por exemplo, e a década de 1980 um momento de predominância de reterritorialização e recodificação (Holland, 1999, p. 139).

Ao mesmo tempo em que concordamos com Holland quando ele afirma que existem momentos de predominância da desterritorialização e outros da reterritorialização, sob hegemonia da esquizofrenia ou da paranoia, nos parece que há um outro nível de análise e do processo, em que a paranoia e a esquizofrenia se fortalecem mutuamente: quanto mais o movimento esquizo esquizofrenia,

descodifica, desterritorializa, mais forte tem de ser o movimento paranoico, recodificante, reterritorializante. Quanto mais o limite é aproximado, mais a força paranoica e repressiva que impede que ele seja de fato ultrapassado tem de se impor. Isso explica como, aparentemente, as nossas sociedades avançam cada vez mais rápido na direção da descodificação generalizada ao mesmo tempo em que ressurgem as recodificações mais perversas, os poderes mais paranoicos. Quanto mais isso esquizofreniza, mais isso paranoia. “Capitalismo e esquizofrenia” significam, também, “Paranoia e esquizofrenia”. Por isso, o capitalismo é inseparável de “neoarcaísmos” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 341-2):

O capitalismo instaura ou restaura todos os tipos de territorialidades residuais e factícias, imaginárias ou simbólicas, sobre as quais ele tenta, bem ou mal, recodificar, reter as pessoas derivadas das quantidades abstratas. Tudo repassa ou regressa, os Estados, as pátrias, as famílias (Deleuze; Guattari, 2010, p. 53).

### **3. O duplo movimento**

Esse problema está conectado com o problema do chamado “duplo movimento”. O conceito, que será utilizado por Deleuze & Guattari em sentido diverso, é proposto como ferramenta analítica por Polanyi (2021) para descrever, de um lado, o movimento do ‘livre mercado’ e, de outro, o movimento de restrição do mercado pela regulação, via de regra estatal. Melinda Cooper, em seu fenomenal *Family Values* (2017, p. 14-6), afirma que esse modo de pensar o duplo movimento, que permeia o pensamento de esquerda, tende a implícita ou explicitamente, legar ao capital o movimento de “liberalização” (de desterritorialização e descodificação), e a uma fonte externa, transcendente – o Estado –, o contramovimento de “regulação” (de reterritorialização e recodificação). Assim, “o social-democrata polanyiano compartilha a nostalgia conservadora por comunidade, terra, e família, mas busca transformar essas instituições em condutos para formas estatais de proteção social” (Cooper, 2017, p. 15). Para a autora, ao contrário, o duplo movimento “seria melhor entendido como totalmente interno à dinâmica do capital” (Cooper, 2017, p. 15). A autora afirma que é esse o melhor meio de ler Marx, mesmo se não foi esse o modo que imperou ou impera

na esquerda. Assim, esse vício, que decorre de uma noção ideológica que contamina a economia política, possui consequências políticas importantes, como a oposição teórica entre uma ala neoliberal e uma ala neoconservadora da política contemporânea. Como se fosse estranho ou contra-intuitivo que teóricos do livre mercado fossem, simultaneamente, conservadores sociais. Cooper demonstra como há um conservadorismo imanente ao neoliberalismo, que melhor encarna as pretensões do capital, além de uma afinidade entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo. Ainda, a autora comenta como essa oposição joga à esquerda para uma falsa alternativa entre mobilizar “uma esquerda neoliberal contra as forças regressivas do conservadorismo social ou uma esquerda social conservadora contra os efeitos desintegrantes do livre mercado” (Cooper, 2017, p. 18). A autora demonstra como há movimentos internos ao dinheiro enquanto forma social e às dinâmicas capitalistas que se constituem em sentido recodificante e reterritorializante, como o reforço da família, das religiões, da subordinação feminina no trabalho de cuidado e reprodutivo que o patriarcado à confinou, no moralismo, da homofobia, misoginia e racismo etc. Dois de seus objetos nos interessam sobremaneira, entretanto: a importância da herança como preservação de riqueza velha, da riqueza de sangue e dos laços familiares de tipo conservador, com a “família como um vetor essencial de distribuição de riqueza e status” (Cooper, 2017, p. 123) e a importância da dívida intergeracional como mecanismo de fortalecimento da família, formando um “vínculo temporal baseado na dívida que radicalmente afirma a função econômica da família privada” (Cooper, 2017, p. 217). Esses casos demonstram como o mais desterritorializado e desterritorializante, além de descodificado e descodificante, o dinheiro, a matéria fundamental da axiomática capitalista de quantidades abstratas, é também veículo de investimento social e desejante paranoico, reacionário.

Como Deleuze & Guattari colocam, o fato de o capitalismo precisar do processo esquizo e ter a descodificação como base explica a sua vinculação com um processo essencialmente “contraditório” e, como preferem os autores, “desarranjado”, que “não funciona propriamente”, sempre à beira de uma crise: “o capitalismo soube interpretar, por sua vez, o princípio geral segundo o qual as coisas só funcionam bem com a condição de desarranjar-se, sendo a crise ‘um meio

imane ao modo de produção capitalista” (2010, p. 306). Entretanto, como colocam Cocco & Cava (2018, p. 148), tanto os teóricos neoliberais quanto os marxistas (além do próprio Marx) desenvolvem uma teoria do capitalismo como crise, de uma economia de crise constante. Todavia, os neoliberais lidam com essa crise parando um passo antes do “abismo”, isto é, do limite absoluto do capitalismo, enquanto os marxistas afirmam ser necessário dar um passo além. (Nesse sentido, ainda, explica-se a convergência entre neoliberais e (neo)conservadores).

Como Cooper, Deleuze & Guattari enxergam em Marx esse modo de ler o duplo movimento como imane ao capital, a paranoia enquanto movimento reativo como sendo próprio ao capital. Isso se explica pelo próprio processo de acumulação:

Por um lado, o capitalismo se dedica à produção como um fim em si mesmo, a desenvolver ao máximo a produtividade do trabalho socializado: este é o momento da desterritorialização. Mas, por outro lado, devido ao investimento privado nos meios de produção, o trabalho social e a vida se restringem à produção e ao consumo que valorizam apenas o estoque de capital já existente: este é o momento da reterritorialização (Holland, 1999, p. 80).

366

O capital necessariamente é conservado. Por ser acumulação privada de uma produção socializada, é uma reterritorialização na riqueza velha:

No terceiro volume de *O Capital*, Marx delineia esses dois momentos da auto-expansão contínua do capital. Num primeiro momento, uma onda de novos estoques de capital mais produtivos transforma os aparatos de produção e consumo existentes; essa ‘revolução contínua dos meios de produção’ que para Marx caracteriza o capitalismo desterritorializa o trabalho e o capital existentes para dedicá-los a novas formas de produção e consumo e, no processo, gera decodificação em toda a sociedade. Mas, em um segundo momento, esse movimento progressivo é abruptamente interrompido e tudo se reterritorializa: os aparatos evolutivos de produção e consumo são amarrados ao que já é estoque de capital obsoleto, apenas para valorizá-lo e realizar lucro sobre o investimento anterior. Uma onda de desterritorialização libera todos os tipos de energias criativas (tanto no consumo quanto na produção) ao mesmo tempo em que revoluciona e socializa as forças produtivas; mas então sobrevém a reterritorialização, atrelando as relações de produção e consumo ao peso morto da mais-apropriação privada (Holland, 1999, p. 80).

#### 4. Uma filosofia dos limites: aproximar ao máximo, sem nunca ultrapassar

Deleuze & Guattari falam menos em “crise”, como o marxismo tende a fazer, e mais nos “limites” que o capitalismo tem de se aproximar sem nunca ultrapassar – como indica Fujita Hirose (Fujita Hirose, 2021, p. 37-41). Deleuze refere explicitamente a Marx sobre esse tema, especificamente ao capítulo, do terceiro volume de *O Capital*, sobre a baixa tendencial da taxa de lucros. Nesse texto, Marx coloca:

A produção capitalista tende constantemente a superar esses limites que lhes são imanentes, porém consegue isso apenas em virtude de meios que voltam a elevar diante dela esses mesmos limites, em escala ainda mais formidável. O verdadeiro obstáculo à produção capitalista é o próprio capital, isto é, o fato de que o capital e sua autovalorização aparecem como ponto de partida e ponto de chegada, como mola propulsora e escopo da produção; o fato de que a produção é produção apenas para o capital, em vez de, ao contrário, os meios de produção serem simples meios para um desenvolvimento cada vez mais amplo do processo vital, em benefício da sociedade dos produtores. Os limites nos quais unicamente se podem mover a conservação e a valorização do valor de capital, as quais se baseiam na expropriação e no empobrecimento da grande massa dos produtores, entram assim constantemente em contradição com os métodos de produção que o capital tem de empregar para seu objetivo e que apontam para um aumento ilimitado da produção, para a produção como fim em si mesmo, para um desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais do trabalho. O meio – o desenvolvimento incondicional das forças produtivas sociais – entra em conflito constante com o objetivo limitado, que é a valorização do capital existente. Assim, se o modo de produção capitalista é um meio histórico para desenvolver a força produtiva material e criar o mercado mundial que lhe corresponde, ele é, ao mesmo tempo, a constante contradição entre essa sua missão histórica e as relações sociais de produção correspondentes a tal modo de produção (Marx, 2017, p. 289-90. Grifo no original).

367

Nos *Grundrisse*, essa “filosofia dos limites” também aparece:

o capital, como representante da forma universal da riqueza – do dinheiro –, é o impulso ilimitado e desmedido de transpor seus próprios limites. Cada limite é e tem de ser obstáculo para ele. Caso contrário, deixaria de ser capital – o dinheiro que se produz a si mesmo. [...] O capital enquanto tal cria um mais-valor determinado porque não pode pôr de uma vez um mais-valor ilimitado; ele é o movimento contínuo de criar mais mais-valor. O limite quantitativo do mais-valor aparece para o capital somente

como barreira natural, como necessidade que ele procura incessantemente dominar e transpor (Marx, 2011, p. 264).

Deleuze & Guattari partem dessa problemática dos limites para o seu desenvolvimento, e colocam que

o capitalismo não para de ter limites e barreiras que lhe são interiores, imanentes, e que, precisamente por serem imanentes, só se deixam ultrapassar reproduzindo-se numa escala ampliada (sempre mais reterritorialização, local, mundial e planetária) (2010, p. 344. Grifo nosso).

Desterritorialização e reterritorialização, esquizofrenia e paranoia, ao mesmo tempo, são tendências opostas e intensificam uma a outra. Assim, “o capitalismo nunca para de contrariar, de inibir sua tendência, ao mesmo tempo em que nela se precipita; não para de afastar o seu limite, ao mesmo tempo em que tende a ele” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 53). A continuidade do capitalismo, sua tendência, depende dessa perpetuação do limite interno cada vez deslocado.

a ‘tendência’ não tem fim, ela não tem um limite exterior que ela poderia atingir ou mesmo aproximar-se. A tendência só tem limite interno e ela não para de ultrapassá-lo, mas deslocando-o, isto é, reconstituindo-o, reencontrando-o como limite interno a ser novamente ultrapassado por deslocamento: então, a continuidade do processo capitalista engendra-se neste corte de corte sempre deslocado (Deleuze; Guattari, 2010, p. 306).

368

Deleuze & Guattari falarão em cinco tipos de limite que permeiam a produção desejante e social. 1) O primeiro sentido de limite é o absoluto: é a produção desejante, o corpo sem órgãos de fluxos codificados como o limite do socius, a esquizofrenia como limite. 2) Um segundo sentido o define como limite relativo: é o capitalismo, pois ele faz correr fluxos descodificados, substituindo os códigos por uma axiomática contábil que lida com a esquizofrenia. Assim, ele contraria a sua própria tendência esquizo, pois se aproxima do muro (limite absoluto) na mesma medida em que o afasta. 3) Depois, temos o limite real: a forma real que uma formação social pressente e prevê como correndo o risco de fazer com que o limite absoluto lhe sobrevenha; as formações sociais esconjuram essa forma real. “Donde a obstinação com que as formações anteriores ao capitalismo enquadram o mercador e o técnico, impedindo que fluxos de dinheiro e fluxos de produção

ganhem uma autonomia que destruiria seus códigos” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 233-34). 4) Após, o limite imaginário: “este limite inibido no interior [limite real] já estava projetado num começo primordial, numa matriz mítica como limite imaginário. Como imaginar este pesadelo, a invasão do *socius* pelos fluxos não codificados, que deslizam à maneira de uma larva?” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 234). Após esse trecho, Deleuze segue dando exemplos de mitos, mas nos parece que os devaneios conspiratórios e apocalípticos, reacionários ou não, tenham algo desse pressentimento do limite imaginário. 5) Por fim, limite deslocado: que envolve o deslocamento de um “limite exterior” para um ‘interior’ ao *socius*. É a tarefa, fundamental para a reprodução do *socius*, de fazer deslocar o limite para seu interior, e assim sucessivamente: é a família e a representação familiar se pondo entre as máquinas desejantes e o social, entre a produção desejante a produção social. Resumindo, há cinco limites: a esquizofrenia como limite absoluto de toda a sociedade; o capitalismo como limite relativo de toda sociedade; a esquizofrenia como limite exterior ao capitalismo; o capitalismo como limite imanente ao capitalismo (sic.), que produz-desloca-amplia seus próprios limites imanentes; e o Édipo, como limite interior do capitalismo, que interioriza a esquizofrenia (limite exterior), se colocando-o entre a reprodução social e a reprodução familiar (Deleuze; Guattari, 2010, p. 353).

Esses cinco limites são fundamentais para a continuidade do capitalismo, mas o capitalismo como limite relativo e imanente a ele mesmo é o mais importante. O limite relativo que é o capital é inseparável dos processos reacionários de recodificação:

Sua estrutura social implica fluxos de produção efetivamente codificados — fluxos de força de trabalho que não são mais codificados nas relações extraeconômicas, jurídicas ou costumeiras, estatutos corporativos e tradições profissionais; fluxos de riqueza que não são mais codificados nas relações de prestígio, de alianças pessoais, de privilégios e de hierarquias políticas —, mas nas condições limitativas relativas às restrições de sua própria reprodução. O capitalismo ocupa, portanto, a posição de um limite dito relativo no sentido em que a descodificação, intrínseca e necessária à sua dinâmica, é aí inseparável de novas formas de intervenções extraeconômicas, de ‘recodificação’ pelos dispositivos da regulação social e econômica, de institucionalização de conflitos de classe e de repressão — uns

e outros sempre em proporções diversas (Sibertin-Blanc, 2022, p. 55. Grifo nosso).

Essa problemática dos limites, e do capital como limite de si mesmo, como limite imanente, coloca a problemática de qual o estatuto ontológico do capital. O Urstaat, o Estado despótico e originário, era dito de transcendência, e o capital é dito de imanência. Deleuze & Guattari são autores conhecidos por defenderem a imanência. Haveria aqui uma tendência capitalista dos autores, portanto? Acreditamos que, da mesma forma que o capitalismo é o limite relativo de si mesmo, ele só é imanente até segunda ordem, pois, no capitalismo a imanência é posta como imanente ao capital, e é essa, inclusive, a sua força. Como Deleuze & Guattari colocam, cada vez que se coloca a imanência como imanente “a” algo, está se reintroduzindo um “universal transcendente”, um plano transcendente: “Assim mal entendido, o plano de imanência relança o transcendente: é um simples campo de fenômenos que só possui secundariamente o que se atribui de início à unidade transcendente. [...] cada vez que se interpreta a imanência como imanente a Algo, pode-se estar certo que este Algo reintroduz o transcendente” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 62-3. Grifo no original). Embora o capitalismo seja ligado com a instauração histórica de um plano de imanência social (ele é “um meio social relativo que procede também por imanência” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 128), o capital é explicitamente colocado como uma instância de transcendência (“O conceito libera a imanência de todos os limites que o capital lhe impunha ainda (ou o que ela se impunha a si mesma, sob a forma do capital aparecendo como algo de transcendente)” (Deleuze; Guattari, 1992, p. 131). Se a imanência do capital é uma imanência submetida ao capital, a dita imanência capitalista se torna transcendente. Assim, é apenas em um sentido relativo que o capital é uma máquina imanente (enquanto a máquina despótica é transcendente), do mesmo modo que ele é um limite apenas relativo. É a esquizofrenia que é imanente, enquanto limite absoluto.

## 5. Esquizo-comunismo

Dessa discussão sobre a paranoia e a esquizofrenia, os limites do capital e os movimentos de des e reterritorialização, é possível tirar inclusive uma teoria do comunismo, de um possível “esquizo-comunismo”. Como Holland coloca, “a reterritorialização predomina sob o capitalismo – o capitalismo pode de fato ser definido em oposição ao comunismo simplesmente como a contenção e o comando das forças produtivas (elas próprias desenvolvidas por meio da desterritorialização) pela apropriação privada (imposta por meio da reterritorialização)” (Holland, 1999, p. 81). O comunismo pode ser entendido como o ir ao limite da produção desejante e social que o capital não vai e não pode ir, por estar subordinado a si mesmo enquanto limite relativo por acumulação privada, riqueza velha, valorização do valor, produção para o capital. Assim, o famoso fragmento aceleracionista de Deleuze & Guattari, contra os deleuzeanos de direita (e contra o dito aceleracionismo incondicional), seria antes comunista do que capitalista:

Mas haverá alguma via revolucionária? — Retirar-se do mercado mundial, como Samir Amin aconselha aos países do Terceiro Mundo, numa curiosa renovação da “solução econômica” fascista? Ou ir no sentido contrário, isto é, ir ainda mais longe no movimento do mercado, da descodificação e da desterritorialização? Pois talvez os fluxos ainda não estejam suficientemente desterritorializados e suficientemente descodificados, do ponto de vista de uma teoria e de uma prática dos fluxos com alto teor esquizofrênico. Não retirar-se do processo, mas ir mais longe, “acelerar o processo”, como dizia Nietzsche: na verdade, a esse respeito, nós ainda não vimos nada (Deleuze; Guattari, 2010, p. 318).

Há um esquizo-comunismo aceleracionista em Deleuze & Guattari, ou no mínimo a partir deles. Como colocam os autores, “os fluxos monetários são realidades perfeitamente esquizofrênicas, mas que só existem e funcionam na axiomática imanente que conjura e repele essa realidade” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 327). Com o dinheiro, no dinheiro, podemos, portanto, liberar esses fluxos esquizofrênicos para além da paranoia capitalista. Evidentemente, essa empreitada esquizo-comunista não excluiria de antemão elementos que a tradição comunista normalmente excluiu, como o dinheiro e o mercado. O problema, diríamos com Deleuze & Guattari, estaria em que, em grande parte, essa tradição confundiu o

potencial desterritorializador do dinheiro e do mercado com o poder reterritorializante do capital, achatando o par dinheiro-mercado ao conceito de capital, como se o par necessariamente se desdobrasse no capital e não fosse, ao contrário, o capital que os captura, os reconfigura e os sobredetermina. Evidentemente, por fim, dinheiro e mercado ‘esquizo-comunistas’ seriam radicalmente diferentes de sua versão paranoico-capitalistas, pois seriam veículos do processo esquizo, multiplicadores da diferença, meios de acesso à produção social e sua fruição, não reprodutores da reterritorialização na propriedade privada, da produção para o capital. Como falamos anteriormente, e Deleuze & Guattari insistem, toda desterritorialização possui como duplo uma reterritorialização. Entretanto, nem toda reterritorialização é igual: o esquizo-comunismo reterritorializaria a riqueza social e a diferença, através de um mercado e de um dinheiro revolucionados, em uma espécie de reterritorialização coletiva, comum – em contraposição à reterritorialização privada. Essa reterritorialização comum da produção social se confunde com a desterritorialização. Poderíamos dizer que se trata de uma reterritorialização difusa, centrífuga, esquizo, comunitária: esquizo-comunismo.

## **Conclusão**

Embora não seja raro, na recepção da obra de Deleuze & Guattari (para não falar na de Marx), uma leitura em que confunde e identifica capitalismo com fluxos descodificados, desterritorialização e movimento esquizofrênico, acreditamos ter demonstrado, argumentativamente e com citações dos próprios autores, que o movimento contrário, a paranoia, é o que caracteriza o capitalismo. O capitalismo necessita, efetivamente, da esquizofrenia, mas ele se constrói sobre ela, regulando-a paranoicamente, reterritorializando a produção social em fins privados, da propriedade privada à valorização do valor. Se o capitalismo transforma a produção em produção pela produção (movimento de descodificação e desterritorialização, esquizofrenia), ele só o faz na medida em que essa produção pela produção é, também, produção para o capital (movimento de reterritorialização, paranoia). É esse o duplo movimento que faz com que o capitalismo encontre seu balanço

imane à sua crise constante e crescente, em que esquizofrenia e paranoia se retroalimentam. Enquanto Polanyi, que nisso representa o pensamento hegemônico à esquerda e à direita, identifica o capitalismo com a desterritorialização (liberalização, livre-mercado) e o Estado com a reterritorialização (regulação econômica), Deleuze & Guattari, na esteira de Marx, atentam que ambos os movimentos são imanentes à lógica capitalista. O capitalismo utiliza do duplo movimento para estabelecer uma relação assintótica com seus limites: ou seja, o limite é infinitesimalmente aproximado, mas nunca cruzado, e sempre jogado adiante (ou ao menos é essa a tentativa, a tendência).

Por fim, contra o paranoico-capitalismo, propomos, na esteira de Holland, o esquizo-comunismo, em que a desterritorialização da produção social, a socialização da produção e da riqueza, nos quais o dinheiro e o mercado cumprem papel fundamental, são separados da privatização capitalista e postos à serviço da multiplicação da diferença, da desterritorialização, da comunização. A discussão sobre o status desse mercado e desse dinheiro esquizo-comunistas, entretanto, fica para outro texto. Por ora, avançamos apenas que um mercado livre da influência do capitalismo, na direção do que Holland (2011) chama de um “comunismo de livre mercado”, correlato de uma “nova axiomática” (cf. Deleuze; Guattari, 2012, p. 187-8; Holland, 2024), excluiria a possibilidade do trabalho assalariado, esse sim, o germe do capital (não o dinheiro ou o mercado enquanto tais). Sobre o dinheiro, iríamos na direção, acompanhando Hardt & Negri (2018, p. 371), de um “dinheiro do comum”, com centralidade a práticas como a Renda Básica Universal e o “quantitative easing para o povo”, em que se utiliza da capacidade de criação monetária fiduciária para dar condições de vida melhores à população, e não para resgatar bancos e o sistema financeiro, ultrapassando o limite capitalista do “teto de gastos”, do “arcabouço fiscal”, do “debt ceiling” e da “emissão monetária”. Essas formas de dinheiro e de mercado seriam esquizo-comunistas: esquizo por favorecerem a proliferação das diferenças, do movimento, da desterritorialização; comunistas por estarem fundamentadas não na privatização e na escassez próprias da paranoia capitalistas, mas na comunização e acesso à riqueza excedente socialmente produzida. Entretanto, se o comunismo é o “movimento real que supera o estado de coisas atual” (Marx; Engels, 2007, p. 38), em que se confundem

o movimento esquizo e o comunista, o esquizo-comunismo só dirá seus caracteres pela força das lutas atuais e virtuais, agora e por vir.

## Referências

BALIBAR, E. Sobre os conceitos fundamentais do materialismo histórico. In.: ALTHUSSER, L. et al. *Ler O Capital*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BELLUZZO, L. G.; GALÍPOLO, G. *Dinheiro: o poder da abstração real*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

BROWN, W. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. Tradução: Mario A. Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

COCCO, G.; CAVA, B. *New Neoliberalism and the Other: Biopower, Anthropophagy, and Living Money*. Lanham/Boulder/New York/London: Lexington Books, 2018.

COOPER, M. *Family Values: Between Neoliberalism and the New Social Conservatism*. New York: Zone Books, 2017.

DELEUZE, G. Três problemas de grupo. In.: DELEUZE, G. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 249-60.

DELEUZE, G. *Derrames: entre el capitalismo y la esquizofrenia*. 2ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2021.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (vol. 5). Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012.

DODD, N. *The Social Life of Money*. Princeton/ Oxford: Princeton University Press, 2014.

FORTES, F.; PIROLA, E. É o capital um acelerador? Aceleração das forças produtivas como fuga e antagonismo. *Das Questões*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/34931>. Acesso em: 24 jan. 2023.

FUJITA HIROSE, J. *Como imponer um limite absoluto al capitalismo*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2021.

GUATTARI, F. Postmodernism and Ethical Abdication. In.: *A Guattari Reader*. Edited by Gery Genosko. Cambridge: Blackwell, 1996, p. 110-17.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Assembly: a organização multitudinária do comum*. Tradução de Lucas Carpinelli e Jefferson Viel. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2018.

HOLLAND, E. W. *Deleuze and Guattari's Anti-Oedipus: introduction to schizoanalysis*. London and New York: Routledge, 1999.

HOLLAND, E. W. *Nomas Citizenship: free-market Communism and the slow-motion general strike*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2011.

HOLLAND, E. W. *Perversion of the Market: Sadism, Masochism and the Culture of Capitalism*. New York: SUNY Press, 2024.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LAND, N. *Fanged Noumena: Collected Writings 1987-2007*. Falmouth: Urbanomic, 2011.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MADARASZ, N. R. Homem, humano, homo sapiens sapiens: Da antropologia estrutural à crítica indígena. In.: BAVARESCO, A.; PONTEL, E.; TAUCHEN, J. (Orgs.) *Tangências do indizível: Festschrift em homenagem a Ricardo Timm de Souza*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022, p. 459-77. <https://doi.org/10.36592/9786581110680-24>.

MARX, K. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Tradução de Mario de Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. *O capital. Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. *O capital: Crítica da economia política: Livro III: O processo global da produção capitalista*. Tradução: Rubens Enderle. Ed. Friedrich Engels. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto Comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2002.

PIROLA, E. Trabalho livre, solidão e neoarcaísmos em tempos de uberização. CASTANHEIRA, N. P. et. al. (Orgs.) *Quem sou eu para julgar?: Diálogos com Hannah Arendt, V. 2*. Porto Alegre, Editora Fundação Fênix, 2022, p. 137-70. <https://doi.org/10.36592/9786581110765-07>.

POLANYI, K. *A grande transformação: As origens políticas e econômicas de nossa época*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

READ, J. *The micro-politics of capital: Marx and the prehistory of the present*. Albany: State University of New York Press, 2003.

*Capitalismo e esquizofrenia... e paranoia: o duplo movimento em Deleuze & Guattari:  
rumo ao esquizo-comunismo*

SIBERTIN-BLANC, G. *Deleuze & Guattari e O anti-Édipo: a produção do desejo*. Trad. Maria Cecília Lessa da Rocha. São Paulo: Editora Filosófica Politeia; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2022.

VIANA, D. A moeda, objeto caleidoscópico. Intersecções entre economia, sociologia e antropologia. In.: *XXV Mostra da pós-graduação UPM e USP: convergências e transbordamentos interdisciplinares*. Organizado por Glaucia Eneida Davino, Mirian Celeste Martins, Rosangela Patriota Ramos. São Paulo: Liber Ars, 2019, p. 406-23.

Submissão: 27.06.2025      /      aceite: 04.07.2025